

Carmen Soares  
Cilene da Silva Gomes Ribeiro  
(coords.)

**MESAS**  
**LUSO-BRASILEIRAS**  
**ALIMENTAÇÃO, SAÚDE & CULTURA**

**VOLUME II**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

PUCPRESS

# ARQUEOLOGIA URBANA NO CENTRO DO RIO DE JANEIRO: O SÍTIO DA ASSEMBLEIA, SÉCULO XVIII

(Urban Archaeology in Rio de Janeiro downtown:  
the Assembleia site, 18<sup>th</sup> century)

TANIA ANDRADE LIMA

MUSEU NACIONAL / UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

TALIMA8@GMAIL.COM

**RESUMO:** Pesquisas arqueológicas de natureza preventiva em um terreno situado no centro histórico do Rio de Janeiro, à rua da Assembleia, trouxeram à tona um poço d'água em alvenaria de pedra e uma densa área de detritos descartados no local, datados do final do século XVII e primeira metade do XVIII. Sobre esses despejos foram contruídas, na segunda metade daquele século, quatro edificações, após a área ter sido dividida em quatro lotes distintos. Considerando ser a coleta de lixo e a apanha de água uma atribuição de escravos urbanos, o local foi interpretado como um ponto de encontro de cativos envolvidos nessas tarefas, nos primeiros momentos da sua ocupação, antes que o terreno viesse a ser edificado. Neste artigo, de natureza tão somente introdutória aos demais que se seguem, são apresentados sumariamente os achados e a sua interpretação.

**PALAVRAS-CHAVE:** arqueologia urbana, Rio de Janeiro colonial, escravidão urbana.

**ABSTRACT:** Preventive archaeological research at a site located in Rio de Janeiro's downtown, on Rua da Assembleia, revealed a stone water well and a dense accumulation of waste material discarded nearby, dating from the end of the seventeenth century and the first half of the eighteenth century. Four buildings were constructed on top of this waste dump in the second half of the century after the area had been divided into four different plots. Assuming that collecting waste and fetching water were tasks performed by urban slaves, the site was interpreted as a meeting point of captives involved in this work during the early periods of its occupation, prior to the ground being built over. Functioning as an introduction to the subsequent texts, this article briefly presents the main findings and their interpretation.

**KEYWORDS:** Urban Archaeology, Colonial Rio de Janeiro, Urban Slavery.

## O SÍTIO DA RUA DA ASSEMBLEIA

Iniciando pelo século XVIII, nossa análise se fundamenta nos achados feitos em um sítio arqueológico cujas características peculiares nos permitem entendê-lo como um microcosmo bastante representativo de uma realidade social mais ampla. Trata-se de escavações que foram realizadas em decorrência da construção de uma edificação comercial em um terreno de pequenas dimensões, de apenas 580 m<sup>2</sup>, na atual rua da Assembleia, no coração do Centro do Rio, um dos trechos de ocupação mais antiga da cidade.

Nesse terreno foram encontrados os remanescentes de sucessivas ocupações que ocorreram nesse local entre o final do século XVII e o século XX. Sem edificações até a segunda metade do século XVIII, a partir daí ele foi dividido em quatro lotes. As escavações expuseram os alicerces em alvenaria de pedra de quatro construções setecentistas, uma em cada lote. Além deles, foi encontrado, nos fundos do terreno, um poço d'água mais antigo, também de alvenaria de pedra argamassada, e uma densa área de despejo de dejetos, de excepcional fertilidade arqueológica, com elevada frequência de ossos animais, faianças e porcelanas, vasilhames de barro, vidraria, objetos de uso cotidiano, pertencentes tanto aos segmentos livres quando aos escravizados. Destes últimos, além de objetos de uso pessoal, como cachimbos e contas de colares, foram encontrados também objetos de uso ritual. Na verdade esses despejos apareceram em todo o restante do terreno, porém mais dispersos.



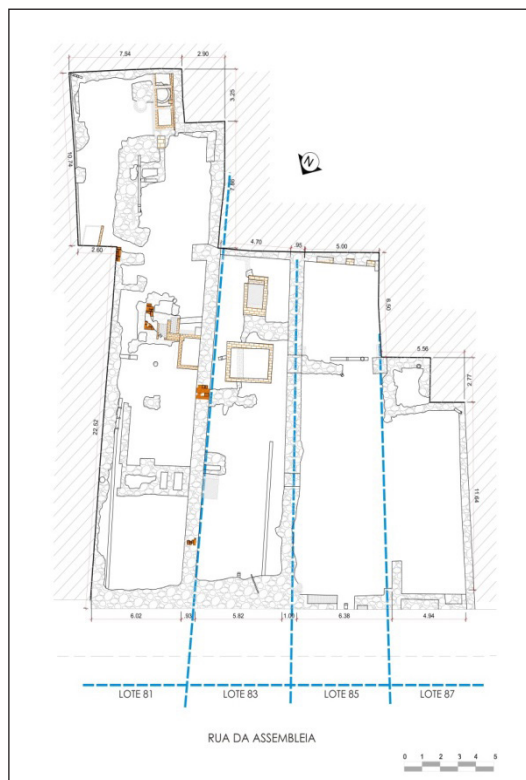


Figura 1: A área escavada, expondo os quatro lotes originais e os alicerces das edificações da segunda metade do século XVIII

Nota: No extremo fundo, à direita, o poço circular entrevisto sob uma estrutura tripartida. Fotomontagem e planta baixa: Letícia Barros.

Foi possível recompor tentativamente, através da cultura material e do sistema construtivo das estruturas, a sequência cronológica da sua ocupação. No século XVI, a cidade ainda embrionária estava limitada à ocupação da orla da praia em curva, entre os morros do Castelo e de São Bento, nas suas extremidades. Pouco a pouco foram abertos caminhos que, nascendo na praia, seguiam rumo ao interior da várzea. Ao final do século XVII e nas primeiras décadas do XVIII, embora se tratasse do trecho mais importante da cidade e em boa parte já arruado (Figura 2), o povoamento continuava mais denso e concentrado à beira mar, o que explica o terreno estar desocupado àquela altura, por estar mais distante da orla.



Figura 2: Detalhe do mapa da Baía da Guanabara e da cidade do Rio de Janeiro  
Autoria: Lagrange, 1711.

Em algum momento, provavelmente nas últimas décadas do século XVII, foi construído no terreno um poço para o abastecimento de água da população que vivia nas suas imediações (fig. 3). Este era um problema crítico na cidade, e desde o início do século se tentava a implantação de chafarizes e bicas públicas, o que só viria a ocorrer em meados do século XVIII. Até lá, a alternativa foi a abertura de poços, lugares sempre intensamente frequentados.





Figura 3: O poço de alvenaria de pedra exposto pelas escavações  
Foto: Matheus Bellé.

Como a atividade de transportar água era feita por escravos, os chamados aguadeiros, quer para seus senhores quer para venda nas ruas, os principais usuários do poço certamente foram eles, juntamente com escravas lavadeiras. A literatura dos viajantes e a farta iconografia existente mostram sua presença maciça no entorno dos chafarizes, portando barrís ou cântaros de barro para recolher água, ou lavando roupa (Figuras 4 e 5).



Figura 4: Escravos aguadeiros com seus barrís e cântaros coletam água no chafariz das Marrecas

Nota: Aquarela de autoria de A. Pallière, datada de 1830.



Figura 5: Litografia de Rugendas, mostrando escravos aguadeiros em fila, com seus barrís, para a coleta de água em um chafariz

Assim, a presença do poço no terreno estudado explica tanto a frequência elevada de objetos atribuídos aos escravos, posto que eles estavam lá todo o tempo, quanto o despejo de grande quantidade de dejetos dos segmentos livres, desde os mais abastados, aos menos aquinhoados. Estes decerto eram recolhidos por eles nas casas, armazéns, lojas e instituições das redondezas, já que cabia a eles fazer diariamente a coleta de lixo e de dejetos na cidade. Transportados em barrís, deviam chegar ao local abarrotados de coisas imprestáveis ou indesejadas, para serem descartadas. Uma vez despejados maciçamente nos fundos do terreno e esvaziados, os barrís provavelmente eram levados ao poço e carregados de água, a ser entregue de volta nas casas ou vendida nas ruas.

Atestando essas práticas, foi encontrado, imerso no lençol freático do terreno, um barril de madeira, semelhante aos que figuram na iconografia da época, levados pelos negros escravizados (Figura 6).



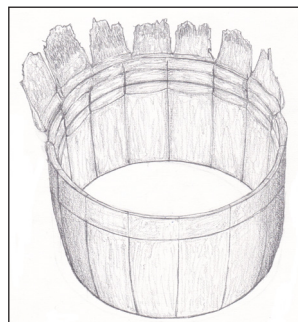


Figura 6: O barril de carvalho encontrado imerso no lençol freático, utilizado por escravos aguadeiros para coletar água junto ao poço

Foto: Liana Guimarães Cordeiro.

Desenho: Fernando Martins.

Este somatório de evidências indica que o terreno, entre o final do século XVII e meados do século XVIII, foi um local de trabalho de escravos urbanos. Mas, sobretudo, um espaço de sociabilidade onde eles se reuniam, intercambiavam saberes, crenças, experiências e informações, criavam rivalidades, promoviam disputas e toda sorte de trocas, partilhavam costumes, práticas e visões de mundo, construíam redes de comunicação e de interação social, negociando interesses e reconstruindo suas identidades esfaceladas pela migração compulsória (Figura 7).

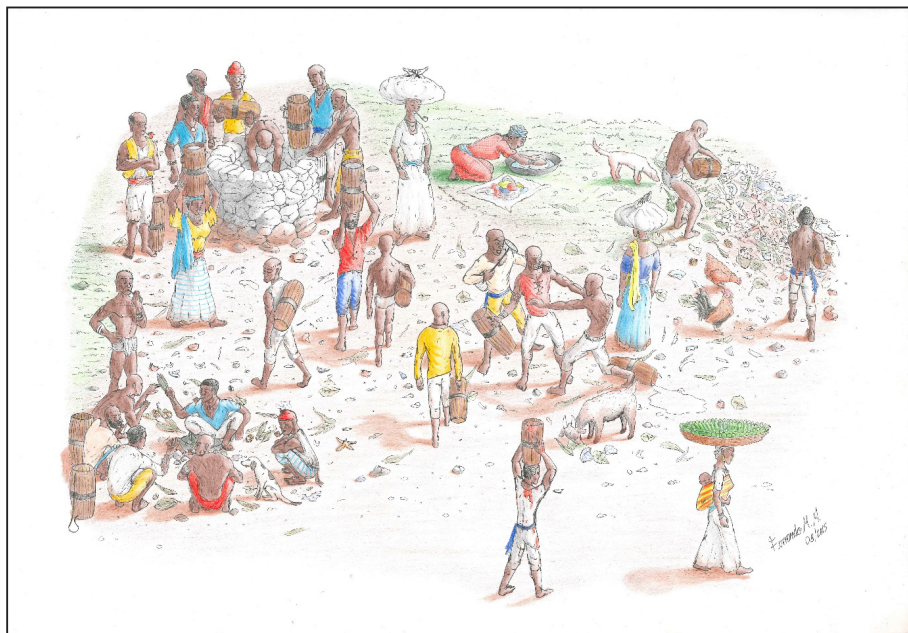


Figura 7: Reconstituição hipotética das atividades que tiveram lugar no terreno, entre o final do século XVII e primeira metade do século XVIII

Desenho: Fernando Martins.

O terreno foi provavelmente loteado e edificado em torno de 1770, interrompendo assim o despejo de lixo que era feito sistematicamente naquela área. Como o que interessa na presente discussão é o depósito de lixo e a dinâmica que se desenvolveu em torno do poço de água, não vamos nos referir aos momentos posteriores da trajetória desse terreno, atendo-nos ao período compreendido entre o final do século XVII e a segunda metade do século XVIII.

(Página deixada propositadamente em branco)